

## A SAGA DOS AGUDÁS

\* Professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da PUC-SP e UNIFAI.

Ênio José da Costa Brito\*

Dezembro de 2007, a imprensa brasileira tomou conhecimento pelo jornal americano *New York Times*, do aparente movimento de brasileiros imigrantes nos Estados Unidos que tomam o caminho de volta ao seu país. Esse movimento vem se repetindo com mais ou menos frequência ao longo da história. Na verdade, a imensa presença de brasileiros no exterior não é objeto de preocupação do Estado, muito menos da imprensa brasileira.

*Os que voltaram. A história dos retornados brasileiros na África Ocidental no século XIX*, de Alcione Meira Amos, relata um outro retorno, este acontecido no século XIX. Africanos e afro-brasileiros estabeleceram uma conexão entre o Brasil e a África Ocidental. No Benim e na Nigéria, receberam o nome de Agudás, em Gana, de Tabom e, no Togo, de Nagô. Os retornados levaram a língua e a cultura adquirida no Brasil e exerceram influência no campo sócio-político-religioso na África.<sup>1</sup>

Amos, com sua minuciosa pesquisa em arquivos espalhados pelo mundo, lança novas luzes sobre o cotidiano desses homens e mulheres que

*acabaram, com pioneirismo, por assentar em terras estrangeiras através da arquitetura, culinária, festas, roupas e penteados, gostos, modas e modos de vida, uma cultura que se afirmava, e que já não era tão somente européia, africana e indígena, sobretudo estas duas últimas, de múltiplos povos: era já brasileira como gostavam, e gostam, eles de defender.*<sup>2</sup>

<sup>1</sup> AMOS, A. M., *Os que voltaram: A história dos retornados afro-brasileiros na África Ocidental no século XIX*. Belo Horizonte, Tradição Planalto, 2007.

<sup>2</sup> AMOS, A. M., *Os que voltaram*, op. cit., p. 13.

Organizado em seis capítulos, *Os que voltaram* desvela para os leitores os saberes e os fazeres desses retornados.

### A PRESENÇA AFRO-BRASILEIRA

Em geral, retornavam para a região apelidada *costa dos escravos*, na África Ocidental e se estabeleceram em cidades costeiras, como Aquê, Uidá, Porto Novo, Catonou e Lagos entre outras. Cálculos aproximados estimam entre 3 e 8.000 o número dos retornados, pequeno se comparado com a massa escravizada que entrou no Brasil.

Tendo obtido a própria liberdade e amealhado algum dinheiro, lavravam contrato com um comandante de navio para viajar. Muitos, antes de empreenderem a viagem, publicavam nos jornais um anúncio para comunicar a partida.

<sup>3</sup> Idem, p. 26.

*Uma vez chegados à África, os retornados afro-brasileiros rapidamente se estabeleceram economicamente. Em muitos casos, tornaram-se líderes políticos e econômicos em seu novo local de residência. Alguns chegando mesmo a ser milionários.*<sup>3</sup>

A presença dos *créoles* ou *brésilens*, nas áreas colonizadas pelos franceses, tanto no Daomé como no Benin, data do século XVIII. Figuras como Francisco Félix de Souza, o Chachá, grande traficante de escravos, Domingos José Martins, Joaquim d'Almeida, foram influentes na sociedade afro-brasileira e na sociedade local.

Relatos de missionários católicos desvelam um pouco o modo de vida desses retornados. Praticavam a poligamia, o concubinato era muito comum e com uma vivência religiosa marcadamente sincrética, que com freqüência gerava conflitos com os missionários católicos.

*As famílias afro-brasileiras, sob os olhos vigilantes do patriarca, mantinham um grande senso de solidariedade, assistência mútua e certa distância da população local, constituindo assim um grupo bem distinto.*<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Idem, p. 38.

Mas, as famílias afro-brasileiras prezavam muito a educação dos filhos. Até nos lugares mais distantes, onde não havia escolas missionárias, não descuidavam de ensiná-los a ler e a escrever. Mais tarde, famílias de afro-brasileiros participaram dos Comitê de Educação Pública, criado pelos franceses.

As contribuições dos afro-brasileiros se deram ainda na arquitetura, no campo alimentar — introduziram o cultivo da mandioca — na saúde e nas festas, especialmente, na festa do Senhor do Bonfim.

Entre os retornados, havia católicos, a maioria, e praticantes do islamismo, ex-escravos da etnia Auçá e Iorubá, provindos da

Bahia, especialmente, depois da Revolta dos Malês (1835). A grande concentração de muçulmanos encontrava-se em Porto Novo, como a família dos Paraísos, dos Marcos e da Glória, entre outros.

Católicos e muçulmanos conviviam harmonicamente. Para os muçulmanos nativos, os vindos do Brasil eram muito liberais, opinião confirmada pelo imame Abd al-Rahman Efendi, que visitou o Brasil entre 1865 e 1867.

Por ocasião da construção da Grande Mesquita (1920-1930), as tensões entre os grupos muçulmanos vieram à tona e os separou. A Grande Mesquita teve como modelo uma Igreja da Bahia.

Antes dos franceses se fixarem definitivamente em Doamé (1894), os afro-brasileiros trabalhavam como conselheiros e intérpretes para os líderes indígenas; no domínio francês, se inseriram no serviço público colonial, como intérpretes, agentes sanitários e agentes de alfândega.

Desde cedo, os afro-brasileiros se firmaram nas atividades comerciais, como donos de firmas de exportação e importação. Sob domínio francês, perderam a hegemonia no setor. Os beneficiados foram os donos das grandes plantações e os possuidores de propriedades urbanas que mantiveram o monopólio do aluguel até o século XX.

Através da análise da lista de fundos para as vítimas da guerra (1914), a autora obteve informações sobre as mulheres afro-brasileiras, boa parte delas trabalhava no pequeno comércio, modistas e professoras, algumas missionárias protestantes e datilografas.

*Na verdade, os colonizadores franceses souberam fazer uso dos afro-brasileiros para seu próprio proveito, assim como souberam excluí-los das áreas que interessavam ao sistema colonial. Os brasileiros estavam desta forma numa posição ambígua entre os nativos e os colonizadores europeus.<sup>5</sup>*

Ambigüidade, percebida pelos afro-brasileiros que exigiam serem tratados pelos franceses como não nativos, pedido indeferido (1912).

Entre a Primeira e a Segunda guerras, os afro-brasileiros se envolvem com movimentos que reivindicam direitos civis no Daomé, dando uma significativa contribuição, especialmente através da imprensa, trabalhando na indústria gráfica ou publicando jornais. O afro-brasileiro Dorothée Joaquim de Lima editou *Le Guide du Dahomey* (O Guia do Daomé), um jornal crítico do colonialismo que abriu espaço para outros periódicos. O mais importante deles, *La voix du Dahomey* (A voz do Daomé), foi fundado em 1927, sob a direção de Jean da Matha Sant'Anna e José Firmino dos Santos.

*Na segunda metade do século XIX, a comunidade afro-brasileira tinha sido de grande importância dentro da área que hoje é conhecida como Benin, servindo como agentes de modernização e mudança na sociedade local, introdu-*

<sup>5</sup> Idem, p. 59.

zindo inovações na língua, na arquitetura, na culinária e no estilo de vida. Com a chegada dos franceses, os afro-brasileiros passaram a ser agentes da colonização, servindo em empregos dentro da administração colonial, principalmente como intérpretes e como professores.<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Idem, pp. 63-64.

Mesmo antes da Segunda Guerra Mundial, a elite afro-brasileira entrara em declínio, ressentindo da falta de uma identidade tribal que lhe proporcionasse uma base política. No entanto, a presença afro-brasileira no Benin é uma realidade que não pode ser negada, e entra, como lembra Amos, no seu quarto século.

## A MEMÓRIA AFRO-BRASILEIRA EM ACRA, LAGOS E TOGO

No final da década de 1820 e início da década de 1830, Acra, florescente centro de tráfico na Costa Ocidental da África, viu chegar grupos de afro-brasileiros, apelidados de Tabom. A maioria desses retornados era islâmica, qualificada profissionalmente e economicamente. Muitas destas primeiras famílias receberam terra, apelidada *Terra Brasileira* e aquelas que cultivaram, ganharam a posse.

*O uso pacífico e próspero da terra para cultivo ou fins medicinais e a crença original de que não podia ser alienada por pertencer, em última instância, aos deuses, começou a desaparecer entre os Tabom e a comunidade Gã, em geral, nos anos 1870.*<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Idem, p. 78.

As *Terras Brasileiras* começaram a serem vendidas, especialmente, pela geração mais jovem e, mais tarde, são urbanizadas pelo governo britânico, formando-se um dos primeiros subúrbios de Acra (Adabraka).

Os primeiros Tabom eram muçulmanos, mas muitos se converteram ao cristianismo, as alianças matrimoniais contribuíram com esse processo. Tendo permanecido pouco tempo no Brasil, estes muçulmanos absorveram pouco da cultura afro-brasileira. Acrescente-se, ainda, a profunda inserção na sociedade Gã, seja através do matrimônio, seja da atividade comercial. No entanto, preserva-se, ainda hoje, a memória dos imigrantes afro-brasileiros em Acra.

De 1852 a 1899, levas de retornados afro-brasileiros e afro-cubanos desembarcaram em Lagos, constituindo uma comunidade heterogênea sob o aspecto étnico, que era olhada com certa desconfiança. Eles se concentraram no *Bairro Brasileiro* ou *Aguda Popo*.

Deram uma contribuição decisiva para a sociedade que se ocidentalizava, especialmente, no campo sócio-cultural, na arquitetura, na construção civil e no comércio de importação e exportação.

Importava-se o fumo de rolo, cachaça, carne seca, alpargatas e exportava-se produtos utilizados em terreiros de candombé na Bahia, como pano de costas, ervas, noz de cola, etc.

O sincretismo religioso era intenso em Lagos.

*Na verdade, embora alguns retornados continuassem a devoção aos seus orixás e alguns se mantivessem fiéis à religião muçulmana adquirida no Brasil, a religião católica foi a mais importante dentro da comunidade brasileira de Lagos.*<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Idem, pp. 95-96.

A comunidade católica edificou a Igreja de Santa Cruz, inaugurada em 1881, e elevada mais tarde à dignidade de catedral.

Memórias do Brasil, em Lagos, já duram três séculos, graças aos inúmeros vínculos tecidos ao longo do tempo por comerciantes e famílias com membros nos dois lados do Atlântico.

Em Lagos, alguns comerciantes se notabilizaram, como João Esan da Rocha, proprietário da conhecida *Casa da Água* e Joaquim Francisco Devodê Branco. Em Togo, o mais importante deles foi Francisco Olympio Silva, nascido em Salvador; depois de ter se dedicado por longos anos ao tráfico de escravos, tornou-se comerciante em Aguê.

Seus filhos mantiveram o prestígio familiar, especialmente Octaviano Olympio, que exerceu poder político e econômico por quatro décadas até sua morte em 1940. A família Olympio viveu sob domínio alemão, inglês e francês, participando ativamente da vida sócio-política-religiosa de Togo.

Togo tornou-se independente em 27 de abril de 1960.

*Na direção de um governo togolês totalmente independente estaria um afro-brasileiro de segunda geração [Sylvanus Epiphany Kwami Olympio], nascido na África em 1902, neto do baiano Francisco Olympio da Silva, que havia chegado a África mais de cem anos atrás.*<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Idem, p. 147.

## CONVITE

A leitura do livro de Alcione Meira Amos, *Os que voltaram*, convida-nos a retornar a um tema sobre o qual a historiografia já debruçara. No entanto, ao acolher o convite, o leitor se surpreende com a valiosa documentação apresentada, com a cuidadosa reconstrução da vida de inúmeras famílias, com os relatos da constituição de comunidades afro-brasileiras em quatro países da África ocidental: Benin, Gana, Nigéria e Togo.

Acompanhar a criatividade com que ex-escravos de volta à África teceram alianças familiares, ampliando seu poder político, social e religioso, é surpreendente. Amos mostra como a autoridade política e econômica dessas famílias se estendia para além das fronteiras domésticas, inserindo-se numa rede mais ampla. A

contribuição dos afro-brasileiros se deu num momento denso da vida das sociedades africanas, em processo de ocidentalização.

O suceder dos relatos deixa claro a vívida marca da cultura brasileira na África, sua reelaboração e ressignificação sob nova realidade. Memórias do Brasil vêm sendo preservadas no Benin, na Nigéria, em Gana e no Togo, mas correm o risco de lentamente desaparecerem. Nesse processo, o tempo é fator intrigante. Cabe a nós brasileiros o desafio de criar políticas efetivas para preservá-las.

Este desafio, renitentemente, se faz presente durante a leitura deste instigante livro, que transmuta em densas narrativas pequenos fragmentos, testemunhos, fatos e vivências distantes no tempo e no espaço, mas que se tornam próximos e familiares ao reafirmarem costumes e tradições brasileiras no outro lado do Atlântico.